

Resumo de *Contas a pagar*

por Bianca Gulim

A narrativa de *Contas a pagar* gira em torno de dois personagens: Laerte e Sarah. Narrada em primeira pessoa, a história é contada pela voz de Laerte, que nos oferta, do seu ponto de vista, todos os pormenores sobre o caráter, personalidade, desejos e medos da figura paradoxal de Sarah — revelando muito mais sobre si mesmo ao longo desse processo. Durante os sete dias em que transcorrem os eventos de toda a parte central da narrativa, o narrador-protagonista vai oscilar entre o ódio e o desejo irrefreável que nutre por essa mulher.

Composta por vinte capítulos, além de prólogo e epílogo, a trama tem como principal ponto de suspense a descoberta sobre *o que* houve com Sarah e *como* Laerte teve sua vida arruinada por ela — uma vez que prólogo apresenta diálogo de três falas curtas, na qual a polícia questiona Laerte Inácio de Souza sobre Sarah Lorenal. Já no segundo plano, a história oculta apresenta a luta desesperada do protagonista para não retornar à pobreza e à miséria que tomaram conta de sua infância e adolescência. A memória das contas acumuladas sobre a mesa da casa de infância se relaciona com a ideia subliminar de vingança — de Sarah contra Laerte —, ambas leituras possíveis para interpretar o título da obra.

Narrando no tempo passado — o que possibilita não apenas a apresentação dos fatos, mas também da perspectiva madura do narrador-protagonista após muitas reflexões acerca do ocorrido —, o advogado de origem humilde inicia o primeiro capítulo relembrando sua última noite antes da tortura que se seguirá ao retorno de Sarah à sua vida. Ele acompanha a esposa, Melissa — a salvadora —, à festa de seu sogro, nomeado apenas como Macedo, um grande e renomado advogado, dono do escritório no qual o próprio Laerte trabalha — quem não o aceita em seu convívio, vendo-o como o pobre coitado que se aproveitou da ingenuidade da filha para fazer fortuna. De início, percebe-se que o protagonista tem algo de distinto dos outros convidados. Ele olha para os demais com certa inveja e julgamento, evidenciando o fato de não se encaixar naquele ambiente, o que, porém, não o impede de usufruir das vantagens de estar ali. Admite, em reflexão narrativa, que escolheu a profissão e o casamento milionário devido à possibilidade de traçar um caminho para fora da miséria, utilizando suas falhas morais, que alega fazerem parte de sua essência, para ascender.

Na manhã seguinte, Laerte adentra o escritório tranquilamente, sem prever a desgraça que já se antecipa ao seu cotidiano. Sônia, sua secretária, entrega-lhe um envelope sem

remetente. Esse envelope, com uma folha de caderno dobrada ao meio, ainda com rebarbas, traz a acusação que virará sua vida ao avesso: alguém se lembra dele e sabe sobre seu casamento motivado por interesse, alguém que ele estuprou ainda adolescente — ou, ao menos, alguém que o acusa de tê-lo feito há muitos anos. Abalado com a bomba disfarçada em papel pautado e convencido de que nunca foi tão longe em sua imoralidade, busca em sua mente as recordações de mulheres que pudessem ter queixas dessa natureza. Depara-se, então, com a familiar lembrança de Sarah: na época do colégio São Miguel, no banco de trás do gol 1991 de sua mãe, Laerte usufruiu da primeira experiência sexual da jovem. Esforça-se para lembrar se ela, na época com quinze anos, hesitou além do natural para qualquer outra garota prestes a perder a virgindade. Não; em sua opinião, sexo taciturno, sem empolgação e canhestro não se caracteriza como estupro.

Mesmo assim, realiza uma rápida busca on-line, que não lhe oferece resultados. Agarra-se à certeza de sua inocência, mas sabe que, seja quem for que escreveu a carta, não precisaria de provas: apenas a acusação seria capaz de destruir tanto seu casamento quanto sua carreira — que apenas agora ele percebe serem tão frágeis. Apesar da tensão, permite-se recordar os sentimentos que Sarah tão conflituosamente despertava em si — o leitor, então, percebe que há um desejo oculto sob o pânico da situação, além da imprecisão obscura em cada descrição. Beijos inexperientes, quase desastrosos, pela manhã; sexo silente à tarde; uma despedida silenciosa; a ausência dela no dia seguinte; a descoberta de que se mudou para outra cidade com o pai após receberem a herança do avô falecido. E então o fim: Sarah nunca mais foi vista.

Otimista, Laerte apega-se à possibilidade de estar sendo alvo de uma brincadeira e segue sua rotina. Durante a noite, contudo, sonha com Sarah e acorda certo de que somente ela poderia ser dona daquela letra feminina, a autora daquela tortura. Apesar da incerteza, sabe que precisa agir; com um antigo amigo da faculdade, consegue o número de um detetive particular: Natanael. O melhor plano é entender quem Sarah Lorenal se tornou e, caso a acusação se concretize, saber com quem está lidando — o que, adiante, resultará em poucas informações: mãe que tirou a própria vida; pai embriagado morto em acidente de carro; Sarah como uma jovem dependente de constante terapia devido a tendências suicidas.

Mas não há tempo para isso — o inimigo está muitos passos à frente. Ao descer as escadas, pela manhã, ouve a risada da esposa, que recepciona a nova vizinha. Reconhece a voz ainda de longe. Ao chegar à cozinha, encontra-se com a diaba ruiva conversando descaradamente com sua companheira, feito amigas de infância. Vê-se obrigado a cumprimentá-la, como se não se conhecessem. Com sua beleza passável, inexpressiva, e seu

olhar feroz despertando a libido junto ao pavor — a maldita contradição que desde adolescente ela desperta —, Sarah ainda não está disposta a delatá-lo, mas claramente se diverte com o flagelo que lhe impõe e as reações que esboça. Encontrando a racionalidade em meio ao martírio, Laerte acredita, naquele momento, que isso lhe dará tempo. É então que se dá início a uma guerra recheada de jogos psicológicos: Sarah encurralando Laerte em situações que o levam ao limite do desespero, do estresse, da desesperança, disposta a saber até onde ele iria para defender a vida luxuosa que tanto lutou para conquistar, o que nem o próprio protagonista é capaz de responder.

Primeira jogada: *uma mente perturbada não toma boas decisões*. Laerte, após falhar na tentativa de uma negociação civilizada e ser dopado, acorda nu e amarrado a uma cama. Com um vibrador roxo em mãos, Sarah lhe propõe o Código de Hamurabi — olho por olho, dente por dente — para encerrarem o assunto. Alcançando o auge do pânico até então, ele recusa a oferta e espanta-se ao ser libertado. Rapidamente e sem pensar a respeito, movido por todos os sentimentos impostos ao longo de uma das cenas mais tensas do livro, ele avança sobre ela com fúria, movendo as mãos até o seu pescoço, mas não consegue ir até o fim. Impossível fazer isso, matar alguém. Após saber do que sua inimiga é capaz, Laerte sabe que não terá um minuto de descanso até livrar-se do problema.

Segunda jogada: *a paz em casa já não existe mais*. Após uma noite insone e um encontro pouco proveitoso com Natanael, Laerte encontra sua esposa com os desejos da maternidade — antes tão trabalhosamente esquecidos — mais aflorados do que nunca. Sua negativa já conhecida faz Melissa colocar em xeque, pela primeira vez, o seu amor por ela, apesar dos argumentos tão plausíveis.

Terceira jogada: *seu trabalho também não é um lugar seguro*. Depois de alguns dias lidando com a ausência do descanso necessário para colocar suas ideias no lugar, Laerte pensa estar alucinando ao ver Sarah na entrada do seu escritório, mas, ao chegar em sua sala, não se depara com ela. É então que entende que, ali, ele não é seu alvo direto. Ela está ali para se aproximar — para seduzir! — Macedo, o sogro por quem Laerte nutre conflitantes admiração e inveja.

Uma a uma, Laerte perde todas as batalhas, ficando à mercê da boa vontade de Sarah em manter seu segredinho entre eles. Sabe, porém, que a qualquer momento ela pode pôr tudo a perder, o que faz com que o constante estado de tensão, somado ao cansaço extremo causado pela insônia, o torne cada vez menos racional, guiado por instintos.

Ao longo dos capítulos, o narrador vai apresentando uma Sarah inconstante, volátil: ora fria e inescrupulosa; ora sensível, atrevida e sensual, mesmo que ingênua. Pontua, com frequência, uma possível loucura como resposta àquela agitação instável no olhar e comportamentos da ruiva. Se seriam essas acusações realmente fundamentadas numa verdade sobre Sarah que o leitor desconhece, ou alegações escusas de um agressor que busca desmerecer e desqualificar uma antiga vítima, o leitor terá de descobrir por si só. De pano de fundo, tanto a linguagem quanto as descrições ambíguas e sempre unilaterais — já que tudo o que se conhece sobre Sarah é mediado pelo julgamento e narração de Laerte — geram dúvidas consistentes sobre o ato do possível estupro e a personalidade e intenções de Sarah — e, inclusive, do próprio narrador —, cabendo ao leitor atento apegar-se às sutis informações cedidas pela autora — presentes na segunda camada do texto por meio do *mostrar*, e não do *contar* — ao longo da narrativa para criar suas próprias conclusões.

É no decorrer do texto, também, que o leitor encontra pequenas pistas sobre a criação de Laerte — por meio das quais a autora aborda indiretamente, notável apenas pelos leitores mais atentos, o tema da formação do caráter na infância e suas consequências na fase adulta, complementando a construção do personagem. O pai, um espertalhão que passou a vida tentando fugir da pobreza, coisa que nunca conseguiu, foi um mentiroso e enganador de boa lábia; a mãe, inteligente, mas não esperta ou bonita o suficiente, entregou-se ao vício, amarrou-se ao primeiro cretino que vira nela algo de interessante. Faxineira no colégio São Miguel, conseguiu que o filho estudasse entre os ricos da região. Foi onde Laerte aprendeu que podia abrir seu caminho para longe das garras podres da miséria por meio das amizades certas. O desprezo que sente pelos pais, a quem culpa por tudo de ruim pelo que passou antes de encontrar Melissa e, conseqüentemente, o emprego dos sonhos, se reflete sutilmente em suas relações atuais — a exemplo, Sônia e Natanael, quem julga serem pobres coitados.

A trama começa a caminhar para seu desfecho quando o leitor percebe que, entre todos os sentimentos causados por Sarah, o que mais domina Laerte é o ciúme diante da aproximação com Macedo. É em sua quarta jogada que Sarah reúne Macedo, Melissa e Laerte em um jantar macabro: além de humilhá-lo ao provar que a presença dela mostra-se muito mais interessante à sua família do que a dele própria — o que ele obviamente atribui à sua origem abastada, que nunca será capaz de reverter, dado ao fato de ter nascido pobre, *sem sobrenome* —, já que é mantido alheio à animada conversação, excita-o sob a mesa, com movimentos sobre sua calça, submetendo-o ao momento em que mais se aproxima da possibilidade de ser desmascarado.

Incapaz de resistir e mergulhado na vergonha que sua libido desenfreada o impõe — um pé! — , entrega-se àquela sensação, pela primeira vez não se importando com as consequências.

Após essa intimidade entre Sarah e Laerte, o leitor é conduzido ao clímax da história quando, no dia seguinte, o protagonista percebe que foi longe demais, tornando a presença de Sarah ainda mais ameaçadora. Reflete, então, após fazer o último contato com Natanael e ele lhe garantir que Sarah não tem nenhum parente vivo, sobre a possibilidade de cometer assassinato. A ideia, porém, o perturba e ele logo a descarta. Mas, à noite, ao presenciar um beijo caloroso entre sua Sarah e Macedo, sua racionalidade chega ao fim. O ciúme, junto a tudo o que vem suportando há dias, desperta a fúria inconsequente.

Ele dopa a esposa com um suco contendo uma dose cavalariça de antialérgicos e se dirige à porta dos fundos da casa de Sarah. Lá dentro, encontra-a seminua, claramente o aguardando. Ela o deseja, e ele sabe que se entregar a mais uma traição será o golpe fatal a seu casamento. Mesmo assim, avança, mas, antes de levar aquilo adiante, exige que Sarah verbalize seu desejo. O que ela faz, capturando-o em sua teia planejada de sedução e loucura. Nesse ponto, Laerte já considerou que aquele prazer diabólico que Sarah demonstrava ao torturá-lo devia ser fruto de transtornos psicológicos — mas a comprovação disso fica ainda nas entrelinhas, já que Laerte não é um narrador confiável, e o leitor já percebeu isso capítulos antes.

Após um breve e abençoado cochilo, Laerte encontra uma Sarah diferente. Preparando um café, ela se mostra inerte em uma ilusão momentânea, plácida. Ao tentar convencê-la de que precisa voltar para casa, Sarah alega, com uma expressão insana, que ele já está em casa, assumindo o papel de sua esposa. Sua postura é a de uma pessoa que ele só poderia julgar como desequilibrada; ou seria aquilo ainda parte da encenação, do plano? Caberá ao leitor decidir, embora a autora, por meio de sutilezas textuais, sugira que, sim, Sarah apenas segue um plano detalhadamente arquitetado — inclusive nas cenas finais que seguirão.

Após uma breve discussão, na qual Laerte a lembra de seu papel de amante, Sarah desaparece por segundos — nos quais Laerte já começa a cogitar as possibilidades para se livrar do problema, uma vez que Sarah parece completamente incontrolável —, ressurgindo armada com um revólver. É tarde demais para tentar mantê-la sob controle. Agindo da maneira esperada, ele tenta persuadi-la, convencendo-a de que está pronto para divorciar-se naquela manhã mesmo, conforme Sarah exige, para seguir sua vida ao seu lado; e ela facilmente acredita. Agora de posse do revólver, Laerte sugere que ela tome banho e se arrume, pois eles têm uma vida juntos a começar. A decisão já está tomada. Ele sabe que não há outra escapatória

— de uma acusação infundada de estupro para a traição recente — e está disposto a ir até o fim para manter não só a fortuna com a qual se acostumou, mas o prestígio que poucos sobrenomes podem lhe oferecer.

Preso à única opção que sua mente previamente perturbada — após dias sem descanso e imersa em uma luta psicológica, em uma montanha-russa de emoções que o levou cada vez mais ao fundo do poço — é capaz de conceber, ele monta o seu plano: suicídio, assim como o histórico médico encontrado por Natanael, e que certamente também seria encontrado pela polícia, comprovaria. Não há familiares para contestar a conclusão da perícia, para exigir novas investigações. Revisitaria todos os cômodos pelos quais passou, eliminando seus vestígios; com sorte, o banho demorado seria suficiente para eliminar seu sêmen do cadáver — se é que o exame seria solicitado diante de tantas evidências de suicídio. Tudo pronto: luvas, sacos de lixo e panos.

A espera é uma tortura; não quer se tornar um assassino, mas sabe que é o que tem de fazer. Cogita a grande possibilidade de ser pego — sabe que a ideia de crime perfeito é uma ilusão —, mas conclui que nada seria pior do que voltar à miséria, ao anonimato, optando por apegar-se à sorte e à suposta falta de competência dos funcionários públicos.

Quando Sarah reaparece, ele insiste, sem a tocar, que ela se acomode no sofá. E ela o faz, sem questionar, sem titubear, sem desconfiar — o leitor atento, nesse ponto, percebe que Sarah não age como o esperado, levando em consideração os fatos recentes. Laerte pega o revólver — o que ela lhe entregou após rápida negociação — entre as mãos enluvadas e arrastase lentamente até sofá, como a implorar de joelhos pelo perdão do que está prestes a fazer. Ergue-se por trás de Sarah — quieta e paciente, como se aguardasse pelo destino tão desejado, planejado —, encostando o cano da arma e atirando antes que ela complete o movimento de pescoço ao sentir o toque gélido contra a têmpora. Cabelos empapados, paredes empapadas. Sarah, um monte desfigurado largado no sofá da sala.

Laerte chora. Mas se levanta e segue com o plano: troca os lençóis da cama, limpa as superfícies nas quais tocou, recolhe evidências. Por fim, limpa a arma e, após a colocar em contato com os dedos frios de Sarah, a solta da altura que julga correta, deixando que se acomode onde for. Deixa a casa ciente de que, quanto mais mexer na cena do crime, mais chances terá de ser pego. Em casa, cuida de outras precauções, tem uma crise de choro intensa e, finalmente, adormece. No dia seguinte, o que foi retirado da cena do crime é queimado sob um viaduto. Fim. Assunto encerrado. Problema resolvido.

Laerte esforça-se para voltar à rotina, mas o cheiro de cadáver o persegue junto à imagem do sangue escorrendo pelas paredes. Então, chega o espírito de Sarah; em todos os lugares, a todo momento. Mas, apesar da culpa, ele consegue adaptar-se, já que tudo o que conquistou não está mais em risco. Os dias passam, e sua rotina volta ao comum — ou ao novo comum, agora com a presença constante de Sarah. E seu corpo lá, morto, esperando para ser encontrado. Laerte percebe o quanto é triste que ninguém sinta sua falta, perceba sua ausência, mas sabe que isso contribui para seu plano, já que o tempo dificultará cada vez mais o trabalho da perícia quando ela finalmente for encontrada.

E ela é, doze dias após sua morte. É a vizinha fofoqueira, Mercedes, após invadir a casa pela porta da frente, que libera o odor de morte para todo o quarteirão. Ao que tudo indica, o caso de Sarah Lorenal é encerrado tão rapidamente quanto foi aberto: suicídio, de acordo com o que os vizinhos comentam.

Semanas depois, no entanto, a campainha toca e o leitor logo reconhece a cena: detetive Elias, o algóz, traz a notícia: o testamento permanecera escondido devido à burocracia, mas veio à tona; Sarah deixara quatro milhões, tudo o que tinha, para Laerte — a ligação a qual o advogado tanto temia, tudo o que a polícia precisava como ponto de partida para descobrir todo o resto. Nesse ponto da narrativa, o narrador-protagonista conclui — apenas na segunda camada do texto, de modo a ser notado apenas pelo leitor mais atento — que Sarah desde o início já havia desistido de viver, dando um jeito de conquistar seu objetivo o arrastando junto; do começo ao fim, foi tudo um plano elaborado e seguido à risca por Sarah, que, apesar de morta, obteve êxito.

O epílogo é composto por uma carta enviada por Laerte à Sônia, sua secretária — a quem mais poderia escrever? Nela, ele menciona sua experiência no cárcere, sendo descrita como infinitamente pior que a pobreza — o que, de fato, é uma surpresa para ele. Sarah não o abandona, seguindo-o no sono, nas alimentações, nos serviços comunitários. Ausenta-se apenas nos momentos em que o corpo de Laerte é violado por aqueles que, mesmo presos, detêm maior poder que o dele — nunca no topo; nunca! Todas as vezes, após o ato, ele se encolhe, acompanhado apenas pelo retorno de Sarah, sua fiel companheira. Laerte questiona sobre Melissa, ressentido acerca do fato de Sônia, em suas respostas, nunca lhe informar sobre ela; afirma que sofre diante da possibilidade de ter arruinado sua vida perfeita, pelo menos até cruzar o caminho dele. Revela, por fim, que finalmente entende Sarah, informando que escolheu o mesmo caminho que ela. Pede à antiga secretária que diga à Melissa que ele sente muito e encerra a carta em tom suicida, assinando, ainda: Laerte Macedo.

Macedo, não Souza Inácio, como no início.